



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO - FACES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLÁUDIA MÁRCIA DE MENEZES PITA SILVA

**A POBREZA ESTRUTURAL NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO
AZEVEDO**

Brasília - DF

2014

CLÁUDIA MÁRCIA DE MENEZES PITA SILVA

**A POBREZA ESTRUTURAL NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO
AZEVEDO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito à aprovação e obtenção do grau de licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. MSc. André Moreira

Brasília - DF

2014

CLÁUDIA MÁRCIA DE MENEZES PITA SILVA

**A POBREZA ESTRUTURAL NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO
AZEVEDO**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como requisito à obtenção do grau de licenciado em Letras Português.

Orientador: Prof. MSc. André Moreira

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. André Moreira

Brasília - DF

2014

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a realizar esse sonho. Ao meu esposo que sempre esteve ao meu lado me apoiando e contribuindo para que esse sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Toda honra e todo louvor ao Senhor Jesus por me proporcionar a alegria dessa conquista. Não tenho como te agradecer Jesus, por tão grande amor... Pelo seu cuidado, por sua provisão. Sem a sua misericórdia, esse sonho não seria possível. No decorrer dessa jornada, tantos acontecimentos, alguns foram tão dócidos que ofuscaram o meu sonho, como a perda de meu amado irmão. Obrigada Senhor, pois em meio a dor, Tu tens a cura, enxugaste de meus olhos toda lágrima, me dando forças para prosseguir, quando em minha fraqueza eu já havia desistido. Levantastes anjos a meu favor, para me mostrar o caminho que precisava trilhar. E graças à sua soberania, bondade, amor, esse sonho se torna realidade.

Ao meu amado esposo, minha gratidão pelo companheirismo, pela paciência, bondade e dedicação para comigo no decorrer desse processo. Seu apoio e sua compreensão foram para mim suportes para essa realização.

Aos meus pais, minha eterna gratidão por todo amor e dedicação a mim dispensado. Minha admiração por toda sabedoria, pela força, pela garra e por me mostrarem a importância de buscar realizarmos nossos sonhos e que tudo é possível quando colocamos nossa fé em ação. Pois com vocês aprendi também que, a distância entre o sonho e a realidade está na escolha de começarmos a fazer, dependendo apenas de nós.

Aos meus familiares, por todo incentivo, pelas orações e pela compreensão nos momentos em que estive ausente.

Ao meu amigo e líder espiritual, pastor Elienai e família, minha gratidão por todo apoio, dedicação, orações, aconselhamentos. Vocês são bênçãos em minha vida, presentes de Deus.

À minha amiga Valléria, que foi como um anjo em minha vida. Estando ao meu lado nos momentos mais difíceis dessa jornada. Me incentivando, acreditando em mim, quando muitas vezes nem eu mesma acreditava. Em todo tempo ama o amigo e na angústia nasce o irmão. Você é mais que uma amiga para mim. Seu incentivo, apoio, foi essencial para minha vitória.

À minha amiga Vanda, foi outro anjo que Deus levantou a meu favor. Sua determinação, sua força, sabedoria, incentivo, braveza foram cruciais para eu

prosseguir e realizar esse sonho. Não tenho como agradecer por tamanha bondade, sempre esteve a meu lado nos momentos em que nem eu mesma gostaria de estar, se tornando mais que uma amiga.

Foram muitos os anjos que Deus levantou para me ajudarem nessa caminhada, não quero ser injusta, pois amo a todas e agradeço-as de todo meu coração à: Noeme, minha amiga, madrinha e irmã que não apenas nesse processo, mas a anos se faz presente em minha vida. Minha amiga de oração, a Suely, que também é minha irmã de consideração e madrinha, esteve ao meu lado desde o dia em que cheguei à Brasília, sempre me apoiando, orando e me ajudando a sonhar. A Vivian, minha amiga, irmã, que sempre se dedicou a mim e a realização de meu sonho, confiando em mim e me mostrando que seria possível. A Luana, minha amiga, madrinha, sempre presente em minha vida, me ajudando a lutar pelos meus ideais. A Noêmia, presente de Deus, que chegou no final do curso de Letras, mas tão importante como as demais, pois com ela aprendi muito, és uma mulher sábia. Minha amiga, sempre disposta a ouvir e ajudar.

Ao meu mestre, professor e orientador André Luis Moreira, meu agradecimento por toda sua contribuição para meu crescimento intelectual, cultural, social e pessoal. Sua generosidade e sabedoria nos momentos de conflitos enfrentados durante a realização deste trabalho, foram imprescindíveis para a conclusão deste TCC. Tive o privilégio de aprender muito contigo, querido professor. Minha admiração e carinho à sua pessoa.

“O homem não nasce um ser humano, já se disse, ele se humaniza pelo processo da educação, um dos caminhos de humanização” (Afrânio Coutinho).

RESUMO

O objetivo deste presente trabalho é investigar a representação da desigualdade social na obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. A hipótese é: em *O Cortiço*, por meio da análise da obra e da leitura realizada acerca da vida dos personagens, percebe-se que existe a desigualdade social representada pelas relações sociais. O estudo que embasa essa hipótese utiliza-se de diversos textos teóricos, apresentando abordagens acerca da desigualdade social com respectivos conceitos e características, as diferenças entre pobreza e riqueza, a contextualização do movimento literário, a biografia de Aluísio Azevedo, além de uma análise aprofundada do objeto de estudo *O Cortiço*. A metodologia adotada nesta pesquisa é a bibliográfica com cunho qualitativo, que apresenta concepções literárias variadas e com fundamentos essenciais à comprovação dos dados expostos.

Palavras - chaves: *O Cortiço*. Desigualdade Social. Pobreza. Riqueza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 DESIGUALDADE SOCIAL.....	12
1.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	12
1.2 POBREZA E RIQUEZA.....	14
2 NATURALISMO: ESTILO DE ÉPOCA E AUTORES.....	21
2.1 NATURALISMO.....	22
2.2 NATURALISMO NO BRASIL.....	24
2.3 BIOGRAFIA DE ALUÍSIO AZEVEDO.....	26
3 ANÁLISE DA POBREZA ESTRUTURAL EM O CORTIÇO	29
3.1 RESUMO DA OBRA.....	29
3.2 ANÁLISE DA OBRA.....	30
3.3 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA POBREZA EM O CORTIÇO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O presente estudo acadêmico problematiza a questão da desigualdade social na obra *O Cortiço*, sob o olhar de Aluísio Azevedo. O objetivo geral da pesquisa é investigar a representação da desigualdade social obra *O Cortiço*. Entre os objetivos específicos estão: conceituar o termo desigualdade social, contextualizar a fase naturalista e mostrar práticas do Brasil típicas do século XIX, apresentar a biografia de Aluísio Azevedo e sua obra *O Cortiço* e, por último, analisar a desigualdade social que é determinante para o entendimento do contexto da obra.

As questões sociais na obra revelam a divisão de classes na sociedade. A pesquisa evidencia que a realidade social nesse romance é permeada pela desigualdade social entre personagens devido às diferenças hierárquicas e étnicas, exclusão social, problemas sociais, marginalização, violência social, animalização, exploração e poder.

No decorrer do romance, visualizam-se as diversas camadas sociais, ou seja, os grupos sociais existentes no século XIX. Pensando nisso, o problema de pesquisa é: **Como a pobreza é representada na obra *O Cortiço*?** A hipótese ou possível resposta à pergunta da pesquisa é: em *O Cortiço*, por meio da análise da obra e da leitura realizada acerca da vida dos personagens, percebe-se que existe a desigualdade social representada pelas relações sociais.

Quanto a metodologia do trabalho, é uma pesquisa bibliográfica com suportes literário e sociológico, tendo como objeto de estudo a obra de Aluísio Azevedo para a comprovação da representação da desigualdade social na obra *O Cortiço*. Será realizada análise literária desse documento literário por meio do cenário, das vozes da desigualdade social, das classes sociais, das relações sociais entre os personagens, sendo o tipo de pesquisa qualitativa. Também serão utilizadas abordagens teóricas cujos estudos contribuem para o entendimento da problemática levantada. O estudioso, docente e crítico Antonio Candido, por exemplo, faz parte do arcabouço de teóricos utilizados para consistência dos argumentos expostos nesse trabalho acadêmico.

A representação dos aspectos da realidade contribui para que haja por parte do leitor a compreensão da obra, pois facilita a percepção dos acontecimentos que norteiam a história. Parte-se do princípio de que o romance naturalista de Aluísio Azevedo reflete os comportamentos e atitudes do povo brasileiro no final do século XIX.

1. DESIGUALDADE SOCIAL

1.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A desigualdade social tem várias acepções e pode ser apresentada de diferentes maneiras. Ela pode ser vista como a representação das desvantagens que a sociedade beneficia a determinados grupos sociais, também pode ser representada como um tipo de pobreza ocasionada pela falta de recursos para a subsistência humana.

A desigualdade apresenta como fundamento as dificuldades socioeconômicas. Dessa forma, é marcada por diversos fatores: poder de um grupo sobre o outro, ou seja, domínio e detenção de autoridade; nomenclatura de classes sociais distintas; estilos de vida e comportamentos diferenciados; estratos sociais; questões relativas à economia; desigualdades demonstradas diferentes, dentro e fora da mesma classe social; distinções em classes sociais; dívida; segregação e exclusão.

As desigualdades sociais surgem pelas diferenciações sociais expostas pelas relações sociais mantidas na sociedade por categorias definidas, as quais ocupam posições de poder de subordinação em relação ao outro indivíduo. Também são ausências de acessibilidade a auxílios materiais e não materiais que causam divisões sociais e geram na vida dos indivíduos, grupos ou organizações institucionais.

Nesse sentido, alguns teóricos ou estudiosos da área de Sociologia abordam argumentos para questionar o sentido da desigualdade social em concepções variadas. Amartya Kumar Sen (2008), por exemplo, destaca a **desigualdade** entre indivíduos, cujos fundamentos baseiam-se **exclusivamente na definição de capacidade**. Ele trabalha essencialmente com a proposta de que todo indivíduo deve se igualar, para isso, é importante buscar capacidades que são iguais a de outras pessoas. Dessa forma, os motivos de ocorrências da desigualdade social seriam amenizadas.

De acordo com Sen (2008), as pessoas podem escolher formas de bem estar para si mesmas dentro da questão da igualdade, cujas capacidades se tornam

oportunidades. Nessa perspectiva, cada indivíduo deve se organizar da melhor maneira possível e com os meios que possui, pois as capacidades são mostradas à sociedade individualmente. Sendo assim, a desigualdade depende do desenvolvimento de habilidades de cada indivíduo, os quais podem se alternar mediante o público. O autor explicita que, para se obter a igualdade, o ser humano precisa aceitar as diferenças e considerar a limitação da ação igualitária que não é a mesma em todos os lugares que demonstram diferenciações. Além disso, faz-se necessário notar que as pessoas são diferentes por natureza e que algumas possuem objetivos comuns, porém cada indivíduo quer atingir uma igualdade distinta das outras, por causa do interesse buscado.

Nelson Décio Tomazi (1993) em seu livro *Iniciação à Sociologia*, explica a desigualdade social como **resultado das relações sociais entre indivíduos**. Percebe-se que no mundo existem indivíduos com características diferentes, tais como: etnias, diversidade cultural e outros. Na sociedade em geral, constata-se pessoas em diferentes situações econômicas: algumas passando por miséria absoluta, outras aproveitando o luxo e a conformidade da mesa cheia de produtos para consumo. Ele ainda relata que as desigualdades são originadas a partir do poder de dominação e que tais relações se contradizem pelo fato de gerar um sistema social cujo objetivo é revelar que a causa das desigualdades ou diferenças sociais não está apenas relacionado ao fator econômico, porém político e cultural. Tomazi considera as desigualdades contraditórias, pois, em alguns casos, não são consideradas frutos do convívio em sociedade e, em outros momentos, é determinada pela sociedade, com as diferenças que ela impõe.

Há algumas definições que podem auxiliar no entendimento das contrariedades que envolvem as desigualdades sociais descobertas e inseridas na sociedade. São elas: a estratificação econômica e a estratificação política.

A estratificação econômica diz respeito aos bens materializados que o indivíduo possui. E ela determina quem são as pessoas ricas, as que se encontram em situação de pobreza e em situação de intermédio. Já a estratificação política manifesta-se pela dominação, subordinação e poder, de modo que existem profissões favorecidas e outras desfavorecidas. Quando o indivíduo melhora de condição, acontece uma transição de valores definida como mobilidade social ou mudança social, pois o poder adquirido aumenta a renda. Assim, fica evidente que há divisões na sociedade.

A desigualdade social é um dos problemas que mais afeta o mundo e perpassa todos os setores sociais. Ela também traz as distinções dos indivíduos e assume um desafio no plano da economia que seria igualar as rendas, porém, origina excluídos, miseráveis e alguns desfavorecidos pela ausência de oportunidade no mundo do trabalho, entre outras questões. A desigualdade é concretizada no espaço social e por meio dele há a visibilidade da estrutura de renda da sociedade em geral.

Oriunda de problemas sociais diversos, gera muitos conflitos, relacionados com a maneira do indivíduo conviver consigo mesmo e com os outros. Para Ana Maria Mercês Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira (2008), a desigualdade social tem existência coletiva no mundo, pois qualquer pessoa pode fazer parte desse fenômeno social. Para Orson Camargo (2014), a definição de desigualdade social se materializa pela desigualdade de gênero, escolaridade, renda, oportunidade e resultado. Nesse contexto, basicamente duas classes se polarizam: a riqueza e a pobreza.

O objeto de estudo deste trabalho é a representação da pobreza no livro “*O Cortiço*”. Para tanto, faz-se necessário definir essas duas classes antagônicas, atividade que se apresenta a seguir.

1.2 POBREZA E RIQUEZA

A pobreza é um fato social de complexidade na sociedade e, conforme Edeilda Santana (2014), os estudos relativos a essa questão estão tomando espaços cada vez maiores em diversos campos de pesquisa, principalmente nas áreas que envolvem as Ciências Humanas. A desigualdade social é o principal fator gerador da pobreza de acordo com estudos realizados com estimativa de renda por população.

A complexidade conceitual da pobreza surge devido às diferentes visões significativas desse termo, abrangendo assuntos que adentram a abordagem econômica, de subsistência e capacidade. De acordo com a concepção econômica, a existência de pobres e ricos refere-se a diferentes classes sociais que se distinguem por tipo. A abordagem dessa concepção foca exclusivamente a situação monetária das pessoas (renda), utilizando-se de comparações.

As abordagens relativas à subsistência correspondem ao consumo familiar de determinados domicílios. Aqui não se leva em conta a renda salarial da família ou de um membro composto dela. A referência de necessidades básicas diz respeito à falta de alguns desses serviços: acesso à cultura e educação, saúde, saneamento básico e água potável. Na abordagem de capacidade, o indivíduo pode conviver de diversas formas, tendo a possibilidade de mudar de vida.

Percebe que a definição de pobreza é alterada ao longo do tempo. Em uma visão unidimensional, é considerável apenas a renda da população, porque, segundo Paulo Sandroni (2006, p. 661), a consistência é gerada pelo:

[...] estado de carência em que vivem indivíduos ou grupos populacionais, impossibilitados, por insuficiência de rendas ou inexistência de bens de consumo, de satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, moradia, vestuário, saúde e educação. O problema está interligado à capacidade produtiva da sociedade.

De acordo com a ótica do autor, a existência de subsistência auxilia economicamente no benefício favorável aos indivíduos. Isso não quer dizer que haja a diminuição ou a inexistência da pobreza, mas que as pessoas, quando têm as necessidades básicas atendidas, mantêm-se em condições suficientes para a sobrevivência. Para Sen (2000), a renda não é o único fator que gera a pobreza, pois há outras atividades que impulsionam o seguinte debate relacionado à situação econômica. O autor ainda considera a pobreza como um problema social, econômico, político e cultural.

Segundo Milton Santos (2014), uma das formas de gerar pobreza é a existência da dívida social. Esse professor trata da temática pobreza, contribuindo com seus conhecimentos acerca do assunto, em uma palestra proferida por ocasião de um evento chamado Momento Nacional, em agosto de 1998. Ele considera que as palavras permanecem com o tempo, embora seu significado possa ser alterado. A partir da produção do conhecimento, produz-se a política. É de suma importância, então, entender as fases da história e o mundo no qual os indivíduos estão envolvidos.

O objeto da dívida social são os pobres que passam a ser marginalizados, posteriormente se tornando excluídos explícitos do resto da sociedade. Há uma racionalidade sem razão, responsável pela criação das dívidas sociais e da pobreza, gerando assim a exclusão social. Dessa forma, há preponderância de um povo

acima do outro, por exemplo, a superioridade que um país tem sobre os demais, tornando-o assim um estado soberano.

Outra característica considerada de dívida social é a pobreza estrutural. Essa deixa de ser local, nacional e se torna globalizada. Há uma propagação da pobreza e uma elaboração globalizada, sendo também uma criação científica já conhecida pelas regras de formação, pois é possível refletir que a dívida social é produzida voluntariamente (SANTOS, 2014).

Os cânones científicos executam a divisão do trabalho, sendo sua forte vontade a formação das dívidas sociais e a difusão da pobreza de maneira global. Uma pobreza que se infiltra de maneira indesejável torna-se eterna. O fato é que há várias formas de pobreza, estando o ser humano em uma delas. Mesmo que vá para outro lugar, o indivíduo continua a carregá-la. Quase não há remédio para a pobreza, porque ela é conduzida pela expansão do desemprego, pelo enfraquecimento do valor do trabalho.

A formação da pobreza surge como algo banal. Do ponto de vista ético, o enorme contraste se dá pela pobreza nascer e se estabelecer como algo particular e genuíno. Os governos globais são os criadores dessa pobreza, pagando para desenvolver soluções localizadas, parceladas, como, por exemplo, o Banco Mundial, que patrocina em diversas partes do mundo, com um plano de assistência aos pobres. Eles tentam demonstrar seu interesse pelos menos favorecidos, apesar de estruturalmente ser o maior produtor da pobreza. Estruturalmente, geram a pobreza no mundo, enquanto de maneira funcional fazem declarações abordando o tema pobreza.

Santos debate também acerca das diversas formas de pobreza, são elas: a pobreza incluída, uma pobreza eventual, excedente, ocasionada em certos períodos do ano, sendo incomunicável. Outro tipo de pobreza que se pode destacar é a marginalidade, criada pelo sistema econômico da divisão do trabalho internacional ou interna. A correção para essa pobreza é buscada pelas mãos dos governantes.

... tentaremos compreender o mundo atual em seu discurso e perceber o que são as bases e o que é a realidade da violência estrutural, sob a qual vivemos. Fala-se hoje demais da violência dos pobres. Na realidade, os pobres violentos são apenas violentos funcionais, vítimas, também eles, da violência estrutural de que pouco se fala. A violência estrutural é o alicerce daquilo que chamarei de perversidade sistêmica de nosso tempo. Ambas são a base, o fundamento da produção da exclusão e das dívidas sociais e da aceitação dessas anomalias como se fossem naturais. (SANTOS, 2014, p.12).

O autor demonstra que os limites atuais do discurso mostram como sair da exclusão, por meio da criação de um novo discurso, construindo assim um novo mundo. A prática é comandada pela competitividade, a falta de ação é devida ao consumo. Há uma confusão mental que impede o entendimento de mundo, país, lugar, sociedade e de cada ser individualmente. Agora não mais, porém o capitalismo já teve contrapesos. A competição teve seu lugar tomado pela competitividade e a concorrência elimina todo e qualquer modo de compaixão. A guerra é a norma da competitividade.

O sistema ideológico é uma base que comanda outros sistemas ideológicos, criando um grupo que orienta e guia a produção da economia e da vida. A nova lei ideológica é a do valor, sendo gerada pela competitividade e responsável pelo abandono da consciência e do ato de solidariedade, subdividindo o crescimento do desemprego e constituindo o abandono da educação, o menosprezo da saúde e o desamparo da velhice.

O emagrecimento moral e intelectual do indivíduo na sociedade é ocasionado pelo consumismo e competitividade, tendo a personalidade e visão de mundo diminuída (SANTOS, 2014). Há o esquecimento quanto à importante oposição existente entre a imagem do consumidor e a imagem de cidadão. Enquanto os menos favorecidos jamais puderam ser cidadãos, as classes médias nunca quiseram ser cidadãs, pois existe um condicionamento para que queiram apenas os privilégios e não os direitos.

Nesse contexto, vê-se que o homem tem a capacidade de mudar, para isso, basta examinar e compreender as situações vivenciadas na sociedade. As mudanças na estrutura da sociedade poderão ocorrer quando a política for reconstruída de uma forma complexa e, para tanto, é imprescindível a defesa de diversos grupos da população. Sendo assim, os objetivos serão alcançados e irão atingir uma estrutura social mais abrangente. Portanto, deve-se destinar as ações para as parcelas da sociedade, tornando as ações efetivas e com mudanças perceptíveis.

A principal tarefa do indivíduo é compreender o mundo, o lugar e a nação onde convive e poder agir como um político, membro do governo responsável por ações que contribuam nas tomadas de decisão, de acordo com o cargo exercido. As ações não podem ser fragmentadas, pois, caso sejam, as decisões são mais complexas, porque as escolhas realizadas não permitem a determinação de um

pensamento ou de um discurso único. Essas ideias podem partir do pressuposto de que a sociedade coexiste a serviço das ações que coagem no pensamento e, conseqüentemente, torna-se um abuso estrutural. Esse é originário da nova noção de riqueza.

A nova noção de riqueza envolve uma gama de concepções que se diferenciam na visão de cada estudioso. Esse entendimento de conceitos assemelha-se ao conhecimento da violência estrutural, que são gastos financeiros que envolvem os três tipos de consumos: individuais, nacionais e internacionais, Santos esclarece que “É por meio da violência estrutural que se dá a produção ideológica dos novos dinheiros” (2014, p.11).

O abuso estrutural na coletividade não é analisado como sendo o centro da ação da violência na sociedade. São abordadas outras agressões de caráter particular, sendo essas funcionais e mantidas como consequência do abuso do sistema. A ideia de solidariedade não está presente, por exemplo, no entendimento da economia.

A ideia de que o desemprego é o resultado de um jogo simplório entre formas técnicas e decisões microeconômicas das empresas é uma simplificação originada dessa confusão, como se a Nação não devesse solidariedade a cada um de seus membros. (SANTOS, 2014, p.11).

A solidariedade é o resultado da pobreza, ou seja, a ausência de amparo que alguns indivíduos vivem. Com o passar dos tempos, o medo amplia-se nas áreas relativas à vida: “medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro” (SANTOS, 2014, p. 11). O medo ocorre pelo fato da geração da violência excessiva, principalmente estrutural, tendo como exemplo a questão da dívida social. O Estado, por meio dos representantes políticos, adota um discurso com posição totalitária quando se dirige à Nação. Isso ocorre não para explicar as ações e decisões tomadas, mas para questionar os pontos de vista contrários as ações.

Esse sistema da perversidade é próprio de nosso tempo. Todavia, ele se apresenta com mais força em países como o nosso, tornados países fáceis, isto é, onde o exercício da política se descaracterizou, em tempos de globalização. (SANTOS, 2014, p.20).

Não se pode negar que o indivíduo está inserido em uma sociedade perversa onde o discurso é corrompido e voltado para uma minoria detentora do

poder. É necessário buscar uma visão dentro de um contexto maior, abandonando o modelo simplista, que não deve basear os fatos com as interpretações em modelos pré-estabelecidos.

De acordo com Simon Schwartzman (2007), as causas da pobreza são coletivas e, principalmente, estruturais, porque são geradas pela exploração da força de trabalho, pela utilização do capital e pela alienação dos indivíduos. Assim, o conceito de pobreza abrange diversas dimensões, sendo analisada de diferentes óticas.

Conforme apresentado no resumo anterior, no romance *O Cortiço*, há o fenômeno da pobreza. Segundo Pedro Demo (1994) demonstra, existe uma diferença entre a pobreza socioeconômica e a pobreza política. A primeira é representada pela ausência de material. A segunda é vinculada ao fato do pobre enfrentar dificuldades em deixar de ser um elemento de manipulação e alcançar papel de sujeito, tendo o discernimento e o disposto preciso em relação às suas conveniências. O autor coloca em questão a definição do pobre devido aos fatores de o mesmo não ser ou não ter algo, pois o que a sociedade impõe ao sujeito pobre é terrível.

Ao desenvolver conceitos de pobreza política, o autor evidencia a incapacidade de autogestão humana, de um povo incapaz de criar seu próprio projeto de desenvolvimento, sendo assim, a historicidade, capaz de gerir e influir sobre o destino diferencia as sociedades em termos de qualidade política definindo que, quanto mais consciente do papel de ator social, mais próximo se encontra o indivíduo da emancipação, construtora recriadora de cotidianos mais dignos (DEMO, 1996).

Ainda Demo (1994) alerta que na pobreza política, o pobre revela-se mais degradante, uma vez que promove a passividade e a submissão em oposição a possibilidades criativas de existência. Aos grupos sociais que são alienados pelas ideologias dominantes, sobra-lhes a observância dos códigos decifráveis acerca do que pensar, do que comer, o que fazer e não fazer, o que sentir, em quem votar, a quem adorar, o que ser e, sobretudo, em tempos de globalização, o que consumir.

Embora o objeto de análise deste trabalho seja a pobreza, não se pode perder de vista que esse conceito se constrói por oposição à riqueza. É impossível definir de forma exata o termo riqueza, pois cada país apresenta um significado distinto, dependendo da situação econômica dos habitantes. O conceito de riqueza

pode estar interligado com o faturamento de bens que uma pessoa possui em relação às outras - seja pela quantidade de imóveis obtidos, dinheiro, entre outros. Também pode haver a possibilidade de obtenção de serviços particulares essenciais que o outro indivíduo não tem chances de obter por não ser rico.

Na análise econômica, a riqueza refere-se “ao conjunto de bens econômicos, como capital, como rendimento, como fluxos de fundo, todas as acepções são diferentes manifestações...” (CARQUEJA, 2014, p. 10). É complexo qualificar uma quantidade exata de bens para obter-se a riqueza. Esse autor explicita que cada valor mencionado de riqueza é desigual, pois cada valor referido é distinto de uma pessoa a outra. Ela é a possibilidade de se manter sem problemas financeiros contínuos, porque há um controle na contabilidade dos bens em valores de referência no mercado.

Contudo, a riqueza também pode ser compreendida de forma independente de grau de bens financeiros. A diferença de possuir riqueza ou estar em pobreza é a forma de usufruir do dinheiro. Na pobreza, o indivíduo pode ser beneficiado a partir do fruto do trabalho com um pagamento salarial que sustente sua família, mas também pode não ter nenhuma forma de se autossustentar, dependem da boa vontade e generosidade das outras pessoas que os ajudam da melhor forma possível, caso queiram. O trabalho permite saber a possibilidade de compra e consumo gasto com o dinheiro.

No próximo capítulo, serão apresentadas abordagens teóricas acerca do Naturalismo e Aluísio Azevedo.

2 NATURALISMO: ESTILO DE ÉPOCAS E AUTORES

A fase naturalista na literatura demonstra o homem como resultado de forças “naturais” e, no decorrer do tempo, desenvolveu temáticas que envolvem o comportamento do indivíduo em um nível patológico e animalesco (CABRAL, 2014).

São diversas as práticas típicas naturalistas no século XIX no Brasil e essas surgem por meio de temáticas variadas, de acordo com a atividade realizada pelo povo brasileiro. A dança, por exemplo, é uma prática que se desenvolveu de maneira intensa no século XIX e se uniu às manifestações brasileiras que existiam no país.

Os movimentos literários de prosa e poesia prosperaram na metade do século XIX, adentrando o século XX, sendo eles: o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. Desses três movimentos, dois devem ser vistos como movimentos próprios do século XIX, que são o Realismo e o Naturalismo. A existência do Naturalismo é comprovada por meio de atitudes contrárias à espiritualização exorbitante, já existentes nas locuções do erotismo barroco e na ficção naturalista do século XIX (COUTINHO, 1997).

No século XIX, há o cruzamento de correntes literárias que são consideradas os marcos do Realismo. Embora o Romantismo não tenha tido fim, formou-se por meio da mescla deles as características realistas e naturalistas. Já o Simbolismo se encarregou em levar a literatura mais incorporada à particularidade humana, sendo a evolução literária caracterizada por essa interiorização. Nessa época, a oscilação entre Classicismo e Romantismo, objetividade e subjetividade teve ocorrência. Nesse sentido, observe-se que o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo opõem-se ao Romantismo.

O Naturalismo, desde o surgimento, segue alguns princípios do Realismo, entre eles: a objetividade predominante, a verossimilhança, a análise das tipologias humanas, tudo isso acrescidas da visão totalmente científica (SILVA, 2014). Em 1881, é inaugurado o Naturalismo no Brasil, esse ano que também marcou o início do Realismo. Ambos os períodos apareceram com a publicação das seguintes obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O Mulato* de Aluísio Azevedo.

Segundo Emília Amaral *et al.* (2003), para identificar um texto sendo do período naturalista, é necessário observar com cuidado os mínimos detalhes, tomando como ponto de partida a análise do psicológico de cada indivíduo. A autora, afirma ainda que a análise deve ocorrer com o todo, ou seja, com a sociedade em geral.

2.1 NATURALISMO

Com a publicação de Emile Zola, da obra *Germinal*, o Naturalismo apareceu na França em 1870. A obra relata acerca de uma família que trabalhava em minas de carvão e evidencia as condições de vida precárias e do trabalho realizado pelos operários, classe social que surgiu com o progresso do capitalismo, sistema tanto econômico como social que, de acordo com os bens privados e a partir da produção e organização, visava à lucratividade, também empregam trabalhadores que eram assalariados e funcionava de maneira estratégica no sistema e estabelecimento de preços. Várias pessoas se deslocavam rapidamente para as grandes cidades, pois almejavam um trabalho nas indústrias, viviam amontoadas em cortiços, ambientes descritos como habitações de povos pobres e sem condições favoráveis para residir nos grandes centros urbanos.

No Naturalismo, a realidade não é idealizada como no Romantismo. Tanto os personagens como os cenários são apresentados, em sua essência, com todo sofrimento existente, seja material ou moral. O movimento literário Realismo, que antecede o Naturalismo, retrata, a realidade, havendo uma relação entre eles. As teorias científicas dominantes na Europa na Segunda Metade do século XIX influenciaram fortemente o Naturalismo, como o socialismo, o positivismo e o darwinismo.

O comportamento do narrador em um romance naturalista é como se fosse o de um cientista, observador de um episódio social (SOUZA, 2014). Assim sendo, os atos devem ser descritos de modo impessoal. A literatura naturalista, dessa forma, afirma a validade de teses científicas deterministas por meio da ficção. O determinismo é um princípio que compreende leis imutáveis e relevantes para o ser humano e o universo, sendo exigido o cumprimento. No materialismo, a

preocupação é totalmente estrutural e condiz com as condições econômicas da sociedade e suas organizações.

As características do Naturalismo são: as forças da natureza serem capazes de explicar o mundo; as características biológicas do ser humano estarem ligadas à hereditariedade e ao meio social a qual pertença. Os temas centrais abordados nas obras naturalistas são: instinto, loucura, violência, traição, miséria, exploração social, raça, entre outros (GOMES, 2014). A escolha de uma obra naturalista para análise da pobreza é a mais indicada porque aponta com nitidez o comportamento do ser humano no meio social.

O compromisso com a realidade é um forte fator do romance Naturalista, focando no cotidiano. Os personagens dessa obra literária estão próximas das pessoas comuns, com suas vidas medianas e problemas do dia-a-dia, havendo uma explicação lógica ou científica para suas atitudes. A linguagem é próxima do texto informativo, simples, fazendo uso de imagens denotativas e obedecem à ordem direta nas construções sintáticas.

Entre as várias descobertas do século XIX, ressaltam-se informações relevantes acerca do Positivismo, da vacina e dos estudos da Psicanálise. O Positivismo é uma designação atribuída ao conjunto de princípios de Augusto Comte que abrange diversas áreas, desde a Teoria do Conhecimento à Sociologia, apresentando o aspecto de orientação científica dada à maneira de pensar filosoficamente. Comte trata das mudanças na sociedade advindas da experiência, reformulação de planos, observações e comparações que busquem uma reestruturação tanto dos costumes como das crenças. Para conseguir a obtenção do sucesso dessa teoria formulada deveriam ser mantidas fundamentalmente a educação, a estrutura familiar e os valores sociais.

Acerca da vacina no século XIX encontram-se pesquisas relacionadas à imunização antivariólica, inoculação, revacinação e variolização que são nomenclaturas coexistentes durante todo o período citado. Nesse final de século houve a imunização para combater a varíola. Ao longo do século a palavra vacinação, por apresentar maior eficiência, substituiu o termo variolização. A revacinação surgiu com sentido ambíguo: a primeira pelo reforço da dose da vacinação contra a varíola e a segunda como imunização do vírus. No final do século XIX, é importante salientar que na área da medicina às práticas de vacinação já eram disseminadas.

Sigmund Freud no final do século XIX, conhecido como Século das Luzes apresentou a Psicanálise, termo criado por ele para explicitar de maneira detalhada o inconsciente e tratar das neuroses dos indivíduos. Também é um meio de observação do psíquico do paciente. O aparecimento da psicanálise contribuiu no tratamento de distúrbios na mente, compreendendo os mecanismos do funcionamento da consciência.

Todos esses acontecimentos difundiram um discurso sanitário e, no final das contas, preconceituoso, responsável por valorizar condutas ditas normais.

Surgiram então novas formações de ideias acerca do homem em sociedade e as contribuições de três áreas (Biologia, Psicologia e Sociologia) de estudo influenciaram isso, pois estavam em alta (GOMES, 2014). A partir dessas contribuições e de busca do conhecimento, os naturalistas iniciaram as análises do comportamento humano e social. O objetivo dessa busca é alcançar as resoluções ou reivindicações de problemas.

A radical objetividade da literatura naturalista levou alguns estudiosos a questionarem se, de fato, ela poderia ser considerada literatura. Os naturalistas também focam no aspecto materialista do ser humano. O homem é resultado da natureza e passa a utilizar o instinto em suas ações. Ele chega a ser comparado com os animais e a esse fenômeno denomina zoomorfização, muito presente na obra *O Cortiço*.

Para Gomes (2014), o zoomorfismo é a aproximação do humano com o animal. Os naturalistas enxergam de forma materialista a existência humana. O homem é um produto biológico que age de acordo com seus instintos, chegando a ser comparado com animais.

No Naturalismo, o homem não possui vontade para se determinar, quer dizer, o homem é levado por diversos agentes, como hereditariedade, meio social entre outros fatores (GOMES, 2014).

2.2 NATURALISMO NO BRASIL

Os autores românticos criavam seus romances com o objetivo de entreter a classe média. No Brasil, foi o maranhense Aluísio Azevedo, principal representante da estética naturalista e autor das obras *O Mulato*; *Casa de Pensão* e *O Cortiço*,

considerado sua obra-prima. O cortiço mais famoso do Rio de Janeiro no final do século XIX era conhecido como Cabeça de Porco que foi a inspiração para a criação do Romance *O Cortiço*. A partir da demolição do enorme Cortiço Cabeça de Porco em 1893, iniciou-se o processo de favelização do Rio de Janeiro.

A consagração de Aluísio Azevedo como um escritor naturalista se deu por meio de sua obra *O Mulato* (1881), marcando o início do Naturalismo no Brasil. Apesar de não ser a obra naturalista mais marcante, chocou a sociedade brasileira, principalmente o clero e a alta sociedade de São Luís do Maranhão. No romance *O Mulato*, os temas abordados foram o anticlericalismo, o puritanismo sexual e o racismo, mas foi por meio da obra *O Cortiço* que o Naturalismo alcançou o seu ápice.

Entre os principais autores naturalistas estão também Inglês de Souza, com sua obra *O Missionário*, publicada em 1881, abordando o quanto o indivíduo é influenciado pelo meio; Adolfo Caminha, com suas publicações *A Normalista*, em 1892, que expõe os desvios da sexualidade, e *O Bom Crioulo*, de 1895, que retrata a homossexualidade.

No Brasil, os naturalistas trabalharam com os temas mais confusos do interior humano que são as doenças, ou seja, o patológico. Dessa maneira, outros assuntos foram deixados de lado, por exemplo, a Abolição da Escravatura e a República.

Segundo Afrânio Coutinho (1997), o Romantismo estava esgotado em 1880, período quando se iniciava uma nova época, permeada pelo espírito filosófico, racional, com caráter materialista, naturalista e determinista. O Brasil estava passando por um período de transformações na sociedade e economia. A estrutura social estava mudando, saindo de uma composição agrária e iniciando o período de industrialização e urbanização.

A literatura passou do Romantismo para o Realismo-Naturalismo, destacando-se tais mudanças em romances de Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Inglês de Souza, Adolfo Caminha, entre outros. Na poesia, os estilos de época eram: o realista, o filosófico, o científico, o socialista e parnasiana. A crítica literária também se modificou com produções que informavam acerca do próprio período. O escritor contextualizava o meio, o ambiente que conhecia melhor, onde convivia com conflitos e conhecia a população.

A literatura passou a ser uma forma pela qual se interpretava a sociedade, com isso, a crítica literária começou a observar o grau de fidelidade representado nas obras, tendo como parâmetro o meio social. A construção que vigorava no século XIX tinha como literatura as atividades sociais: história, jornalismo, filosofia, entre outras. Com tamanha quantidade de gêneros literários, utilizava-se também de variadas formas de críticas. A crítica não era uma atividade unicamente literária, pois envolvia vários segmentos sociais e atividades.

O romance naturalista no Brasil tem duas datas delimitadas para o seu início: 1877 e 1881, com respectivas obras de Luís Dolzani (pseudônimo de Inglês de Souza) e a obra *O Coronel Sangrado* e de Aluísio Azevedo a obra *O Mulato*. Embora a obra de Inglês de Sousa se preceda à de Aluísio, essa última foi considerada marco inicial do naturalismo porque apresentava as características determinantes para o movimento, tais como: o processo construtivo e a análise da realidade social.

2.3 BIOGRAFIA DE ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, conhecido popularmente e somente como Aluísio Azevedo nasceu em São Luís – Maranhão, no dia 14 de abril de 1857. Ele exerceu diversas profissões, foi diplomata, jornalista, escritor e caricaturista. É considerado o patrono 4 da cadeira da ABL - Academia Brasileira de Letras. Era simpatizante da Escola Realista, e alguns estudiosos e críticos literários o consideram como escritor que introduziu o Realismo no Brasil. Crítico severo da sociedade brasileira provinciana, esse escritor largou sua formação de romancista para transformar-se no inventor do Naturalismo no Brasil, sob a influência de Émile Zola e Eça de Queirós.

Filho legítimo de David G. de Azevedo e D. Emília Amália Pinta de Magalhães. Tinha apenas um irmão que era mais velho que ele, chamado Artur Azevedo. Sua mãe casou-se muito nova, com um comerciante português de temperamento bruto aos 17 anos, mas separou dele rapidamente devido ao seu modo de ser “grosseiro”. Ela, para se distanciar do marido, pediu ajuda a amigos para se esconder e nesse lugar conheceu o vice - cônsul de Portugal, jovem e viúvo David. Eles não se casaram, viveram anos juntos. Isso tornou-se motivo de escândalos na sociedade do Maranhão (SILVA, 2014).

Aluísio, entre o período da infância e adolescência, iniciou os estudos em sua cidade natal. Ele teve seus primeiros empregos como guardador de livros e caixeiro. Sempre demonstrou interesse pelas Artes, particularmente desenho e pintura. Em 1876, Aluísio foi estudar nas Belas Artes, para isso, procurou o irmão mais velho que já residia na cidade do Rio de Janeiro. Para sobreviver, ele fazia caricaturas para jornais. Também começou neste ano a escrever obras artísticas que dariam início aos seus romances.

Um das características marcantes de Aluísio é a capacidade de demonstrar, por meio da coletividade, os diversos tipos de grupos humanos, entre eles: moradores, pedreiros, operários, artistas e outros. Por exemplo, na obra *O Cortiço*, ele faz uma análise dos tipos sociais, ou seja, dos indivíduos que compõem a obra. Esses tipos manifestam-se na obra devido ao espaço que estão inseridos. A conclusão que o autor reflete no final da história é que as consequências dos modos de vida dos personagens são adquiridas pelo meio social, ou seja, pela vivência no próprio cortiço, espaço de grande influência no comportamento dos indivíduos.

No entanto, Xavier (2005) acreditava que Aluísio não criou personagens tipificados, porque deteve a análise das almas, ou seja, seguiu os fundamentos da psicologia individual, limitando-se a estudar as massas. Esse é um comentário do professor Luiz Augusto de Xavier (2005) extraído da obra *O Cortiço* de maneira parafraseada. Por meio da escrita, Azevedo demonstrou diversas características da sociedade do século XIX, entre elas: a ambição do português representado na obra *O Cortiço* pelo personagem João Romão, fidalgo burguês cujo título de nobreza é atribuído na obra ao Senhor Miranda, além de tratar das diferentes etnias (negros, mestiços, brancos), um lugar brasileiro em que há a luta pela vida e, principalmente, reflexões acerca da sobrevivência em um lugar inóspito, onde as relações humanas se mostram reféns de determinantes sociais e biológicos.

Aluísio Azevedo tinha um modo específico de escrita, em seus romances está presente a crítica social, principalmente em *O Cortiço*. Em sua obra *O Cortiço*, faz uma crítica ao Brasil, à sociedade da época que interiorizava a concepção de existir uma raça superior, as diversas desigualdades, a pobreza humana, a valorização do estrangeiro, a desvalorização do brasileiro. Para Cândido (1999), Aluísio Azevedo foi o mais importante escritor naturalista. Seus romances são muito apreciados, como *O Mulato* (1881) que mostra o preconceito de cor, e *Casa de*

Pensão (1884), que apresenta uma violenta narração dos descaminhos de um estudante e de sua morte. Porém, o seu apogeu foi alcançado com *O Cortiço* (1980).

Em *O Cortiço*, utiliza os problemas sociais e recursos animais para caracterizar os personagens. Para Affonso Romano de Sant'Anna (1990, p. 88), a literatura de Azevedo, particularmente em *O Cortiço* revela a seguinte identificação na escrita de toda a obra:

uma narrativa de estrutura simples compromissado com modelos exteriores ao seu texto, ainda que no enunciado sua produção coloque do lado da contra-ideologia, uma vez que denuncia o código social vigente criticando o espaço da ideologia dominante.

Alúísio utiliza o narrador para apresentar “a degradação dos tipos aproximando-os insistentemente de animais e conferindo-lhes apelidos” (SANT'ANNA, 1990, p. 90). Ainda de acordo com Santa'nna (1990, p. 102), uma análise do estilo de Alúísio de Azevedo retrata que

(...) a língua de Azevedo, em sua pluralidade de nacionalidades, mostra como o francês, o italiano, o português de Portugal, o falar do cortiço, o falar dos salões se mesclam constituindo conjuntos que integralizam a língua brasileira num sentido mais amplo. Sua língua é mestiça como seus personagens e se espalha pelo simples e pelo complexo.

No próximo, capítulo será apresentada a análise da desigualdade social em *O Cortiço*, com citações referentes às mesmas, exemplificando-as. O objetivo é mediar o entendimento acerca do tema proposto, para responder à pergunta que orienta esta pesquisa: Como a pobreza é representada na obra *O Cortiço*?

3 ANÁLISE DA POBREZA ESTRUTURAL EM O CORTIÇO

3.1 RESUMO DA OBRA

A obra *O Cortiço* narra a busca contínua e a perspectiva de enriquecimento demonstrado por meio do personagem português João Romão. No começo da história era empregado de um vendeiro que se tornou rico através de uma taverna no bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro. Com esse trabalho, Romão fez economias e herdou em pagamento a taverna e tudo que estava dentro, além de um conto e quinhentos em dinheiro. Conseguia sua comida por quatrocentos reis por dia com uma quitandeira, sua vizinha, Bertoleza, escrava de um velho cego que morava em Juiz de Fora e amigada com um português que fazia fretes na cidade com uma carroça de mão. Com o passar do tempo, Bertoleza se aproxima de João Romão, sendo essa sua amante que o ajuda a trabalhar sem descanso na taverna nos dias de domingo. O motivo da aproximação se dera com o falecimento do dono dessa escrava.

Em contraponto a João Romão, que é proprietário do cortiço, o romance apresenta o personagem Miranda, dono de um comércio bem estruturado que cria um conflito com o dono do residencial, por causa de um terreno que pretende adquirir para a amplitude de um quintal. Não havendo concordância entre ambos, há uma ruptura de qualquer relação mútua entre eles.

João Romão tem inveja de Miranda, devido à condição social superior que este possui em relação a ele. Para tornar-se mais rico que o oponente, ele desenvolve um trabalho árduo. Um acontecimento, no entanto, traz mudanças à vida de Romão, isso ocorre quando Miranda é nomeado barão. João compreende que o dinheiro não é o único recurso necessário para conquistar a tão sonhada ascensão social, mas que também precisava conviver com pessoas frequentadoras de ambientes sofisticados, comprar roupas elegantes, ir a centros culturais, realizar leituras diversas, enfim, ter hábitos comuns aos costumes da burguesia.

No cortiço, encontram-se os moradores de pouca condição financeira. Entre eles, destacam-se: Rita Baiana, Piedade, Capoeira Firmo e Jerônimo. Alúísio, no romance *O Cortiço*, demonstra a submissão do homem ocasionada pela má influência do espaço em que convive, a exemplo de Jerônimo que tinha um modo de

viver exemplar, mas que, ao conhecer Rita Baiana, passa a agir com hábitos completamente mudados, para pior: “(...) O tal seu Jerônimo, dantes tão apurado, era agora o primeiro a dar o mau exemplo! Perdia noites no samba! Não largava os rastros da Rita Baiana e parecia embeijado por ela!” (AZEVEDO, 2005, p.108).

João Romão e Miranda criaram uma boa relação, principalmente quando o oponente e barão mantêm superioridade sobre o dono do cortiço. Romão, para conseguir as mesmas conquistas do concorrente tenta modificar as casas onde ele recebe hóspedes, dessa maneira, busca exibir com aparato e luxo. O cortiço em si foi transformado, deixando de ser um ambiente desorganizado, tornando-se assim uma vila bem apresentável para se viver, sendo chamada de Vila João Romão a partir das mudanças estruturais realizadas.

Com o passar do tempo, ele resolve se aproximar da filha do seu oponente para pedi-la em casamento. No entanto, surge um problema relacionado à Bertoleza, sua amante que lhe exige todos direitos relativos ao dinheiro acumulado pelo dono do cortiço por meio do trabalho realizado por ela juntamente com ele. Para livrar-se dela, Romão decide denunciar a escrava a seus donos legítimos, pois ela teria fugido, dessa forma, a escrava não atrapalharia a sua ascensão social. Bertoleza ao saber que voltaria a ser escrava, suicida-se, em uma atitude desesperada, que ocorreu quando estava prestes a ser presa. Assim, Romão consegue se livrar do empecilho que poderia prejudicar seu casamento.

3.2 ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA

O romance *O Cortiço* foi publicado em 1890, cujo tema é a desigualdade social. A narrativa possui um narrador onisciente, em 3º pessoa e o tempo cronológico linear. A obra é composta de 23 capítulos, em que exploram os habitantes de dois espaços distintos: o cortiço de João Romão e o sobrado de Miranda.

Na obra evidencia-se diferença socioeconômica entre os personagens. Essa desigualdade foi realizada pelo autor propositadamente. Aluísio Azevedo utiliza o espaço social como forma de demonstrar e compreender as posições sociais, que são correspondentes aos hábitos e comportamentos típicos das condições

representadas pelo lugar em que residem os personagens. Percebe-se nisso uma característica bem marcante da estética naturalista, uma vez que a obra *O Cortiço* é a história de uma comunidade coletiva do Rio de Janeiro que, de acordo com uma visão naturalista, se desdobra em símbolos curiosos, pois, como afirma Cândido (1999), o cortiço é, no fundo, o Brasil, com a exploração do estrangeiro, economicamente falando, o assujeitamento dos humildes, que na sua maioria eram os negros, imigrantes pobres e mestiços. Como um romance naturalista, *O Cortiço* ilustra a ampliação da ficção, uma realidade franca na descrição e destaque da população e seus ambientes.

Existe a questão da luta de classes que é uma maneira de apresentar a desigualdade social na obra. Vale ressaltar o personagem João Romão, que é oriundo de um espaço desfavorecido economicamente em relação a Miranda. Ele faz de tudo para reerguer o cortiço e conviver em um espaço mais organizado e com certa melhora na situação econômica.

O contraste das relações sociais acontece entre a pobreza e a riqueza dos indivíduos na obra, sendo que a ambição e os interesses individuais são aspectos demonstrados na narração dos fatos. A pobreza tem como personagens: os moradores do cortiço de João Romão, os quais se contrapõem e, compondo a riqueza representados pelos portugueses ricos e que vivem no sobrado de Miranda. A estrutura social dos personagens desenvolve-se por meio de possíveis transformações no espaço, que são realizadas de acordo com a evolução local e comportamental.

No nível da pobreza, os elementos que constituem os personagens são enviesados pelo instinto animalizado. Essa representatividade é definida pelo cortiço São Romão. No nível da riqueza, a composição de elementos se define pela cultura civilizada, em que Romão passa por uma transformação na sua organização social, saindo do mundo extremamente biológico, instintivo e animalizado e entrando no mundo regido de regras de etiqueta e convivência pacífica.

A sociedade é dividida em diversos sentidos em *O Cortiço*, sendo que uma dessas divisões é racial, pois a maioria da população é constituída de pretos, mestiços e as outras etnias e em sua minoria brancos. Também há empregados, desempregados, assalariados e outros.

De acordo com Sen (2008), as pessoas podem escolher formas de bem estar para si mesmas dentro da questão da igualdade, cujas capacidades tornam-se

oportunidades. Nessa perspectiva, cada indivíduo deve se organizar da melhor maneira possível e com os meios que possuem, pois as capacidades são mostradas à sociedade individualmente. Na obra *O Cortiço*, esse fato pode ser observado quando João Romão é persuadido por Jerônimo a contratá-lo por um salário superior ao que Romão era acostumado a pagar a seus funcionários.

- Pois está fechado o negócio! – deliberou João Romão, convencido de que não podia, por economia, dispensar um homem daqueles. E pensou lá de si para si: “Os meus setenta mil-réis voltar-me-ão à gaveta. Tudo me fica em casa! (AZEVEDO, 2005, p. 48).

Observa-se um entendimento mútuo dos dois personagens em relação às suas capacidades. Romão identificou que aquela contratação seria um investimento, pois reconheceu a destreza de Jerônimo em avançar com o trabalho na pedreira. Jerônimo por sua vez, usou sua habilidade para convencer Romão a pagar-lhe o valor desejado por seu trabalho.

A desigualdade de gênero, escolaridade, renda, oportunidade e resultado, definem o termo desigualdade social onde há polarização de duas classes, a pobreza e a riqueza. Segundo Orson Camargo (2014), A indignação do personagem Miranda ao se deparar com o cortiço que surgia ao lado de seu sobrado, avançando e ocupando o quintal do qual desejava comprar. É notável as duas classes sociais representadas, por meio do sobrado de Miranda a riqueza e o cortiço, representando a pobreza.

- Um cortiço! – exclamava ele, possesso - Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas! ... Estragou-me a casa, o malvado! (AZEVEDO, 2005, p. 21).

Segundo Santos (2014), dentre os vários tipos de pobreza, temos a incluída que é eventual, ocasionada em certos períodos do ano e a marginalidade, cujo responsável é o sistema econômico da divisão do trabalho. O personagem do velho Botelho é um exemplo, pois perdera a sua riqueza e vivia de favor na casa do Miranda. O cortiço também pode ser visto como exemplo, pois se desenvolveu como uma grande lavanderia, por ter um dos recursos do qual dispunha aos moradores, como a água em abundância, além de ter a pedreira ao fundo, permitindo aos

moradores residirem e sobreviverem com os poucos recursos financeiros retirados desse espaço.

3.3 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA POBREZA EM *O CORTIÇO*

É importante destacar na literatura que o ato de expor um episódio, necessita de outro para realizar a descrição de todos os fatos. Na literatura, quando se lê um romance, por exemplo, além da lógica na narrativa, há a presença das crenças, costumes, pensamentos, os valores e preconceitos da época inseridos em determinado contexto.

No artigo “Carolina Maria de Jesus e a representação social de pobre em *Quarto de despejo*”, André Luís Gomes Moreira (2012) analisa a representação da pobreza no romance *Quarto de Despejo* e a compara à construída em *O Cortiço*:

Em *O Cortiço*, por exemplo, típico romance social e de costumes, Aluísio de Azevedo apresenta, seja por meio, sobretudo, da metáfora dos espaços físicos (sobrado de Miranda em oposição ao cortiço de João Romão), seja pela construção das personagens, uma série de considerações não restritas à obra, mas a um pensamento impregnado de juízo de valor quanto ao comportamento de pessoas, lugares e ocasiões, que norteavam as relações, condutas, o pensamento positivista de toda a sociedade do século XIX (MOREIRA, 2012, p. 15).

É comum que os moradores de favelas como Carolina Maria de Jesus e Piedade, personagem da obra *O Cortiço*, criem o hábito de andarem sujas, porque é como se a pobreza com que elas convivem estivesse vinculada a falta de higiene, pensamentos e comportamentos típicos dos pobres na época, que são atitudes presentes em todo o romance de *O Cortiço* em praticamente todos os personagens que vivem na vila João Romão no começo da narrativa: “(...) E a Bertoleza, sempre suja e tishada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ela ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos”. (AZEVEDO, p.54).

Em uma fala de Jerônimo, é notável perceber que as pessoas realmente na favela não tinham o hábito de tomarem banho todos os dias “— Não te queria falar, mas... sabes? deves tomar banho todos os dias e mudar de roupa...” (AZEVEDO, 2005, p.85). Segundo Demo (1996), faz-se necessária a conscientização da humanidade acerca do seu papel como sujeito ativo para tornar a realidade diferente, em que a dignidade faça parte da vida de todos os indivíduos. O romance *O Cortiço* apresenta vários tipos de desigualdades sociais que os menos

favorecidos sofrem desde meados do século XIX permeando os dias atuais. Essa citação a seguir ilustra um pouco dessas desigualdades.

Agora, na mesma rua, germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça-de-Gato”. Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social aparecer em semelhante gênero de especulações (AZEVEDO, 2005, p. 132).

A pobreza é representada por relações de segregação social em que o meio determina as ações dos personagens. João Romão, dono dessa propriedade, não investe na estrutura do local e os indivíduos vivem em um ambiente desorganizado e hostil. Por isso, os comportamentos são animalizados, conforme descrito na seção anterior sobre o Naturalismo. Santa’нна (1990, p. 90) comprova essa afirmação por meio desse trecho:

Romão e Bertoleza trabalham como uma “junta de bois”; o cortiço exala um “fartum de besta no coito”, os personagens se xingam de cão, vaca, galinha, porco; Jerônimo com suas “lascívia de macaco e cheiro sensual dos bodes”; Piedade abandonada surge “ululante como um cão”, soltando “um mugido lúgubre” como “uma vaca chamando ao longe”.

Na vida de João Romão e Bertoleza, dentro dessa relação inicial, houve uma combinação de forças que levaram ao desenvolvimento de um empreendimento. Esse foi impulsionado pelo esforço mútuo e pela necessidade que um tinha em relação ao outro, afinidade que trazia cumplicidade, ação explicada por Santos (2014, p.11), ao afirmar que a ideia de que o desemprego é o resultado de um jogo simplório entre formas técnicas e decisões microeconômicas das empresas, é uma simplificação originada dessa confusão, como se a Nação não devesse solidariedade a cada um de seus membros.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente a rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza (AZEVEDO, 2005, p. 12).

De acordo com as premissas de Sen (2000) apresentadas em seção anterior, a renda não é o único fator que gera a pobreza, pois há outras atividades que impulsionam o debate relacionado à situação econômica. O autor ainda considera a pobreza como um problema social, econômico, político e cultural. Um exemplo disso no romance é o envolvimento de Bertoleza com Romão. Ela confiara

cegamente no caixeiro, deixando-o como procurador, conselheiro, além de cuidar do caixa de tudo o que a mesma produzia, inclusive de suas economias enganada com uma falsa carta de alforria, criada pelo próprio Romão. A questão cultural reside no fato de Bertoleza considerar o português como raça superior e confiável, advindo da ausência de escolaridade, que a deixava ainda mais vulnerável. A questão econômica está presente na confiança de que suas economias estavam seguras com o português e, no entanto, ela estava sendo passada para trás: “Você agora não tem mais senhor! - declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas, agradecida. - Agora está livre!” (AZEVEDO, 2005 p.12).

Com a melhora de condição, sucede uma transição de valores definida como mobilidade social ou mudança social, pois a renda é aumentada por meio do poder, evidenciando a existência de divisões na sociedade (TOMAZI, 1993). Esse fato pode ser observado em alguns trechos da obra. Um exemplo é o do português Miranda, quando é agraciado com o título Barão do Freixal:

“No outro dia, a casa do Miranda estava em preparos de festa. Lia-se no “Jornal do Comércio” que sua Excelência fora agraciado pelo governo português com o título de Barão do Freixal (...)” (AZEVEDO, 2005, p. 98)

O status de Miranda na sociedade lhe permitia ser adulado e viver cercado de amigos, fazendo festas e recebendo pessoas importantes de várias esferas da sociedade. Ele era aclamado como um homem de visão e com muito talento financeiro, episódios esses que lhe foram garantidos pelo título de barão. Outro exemplo da transição social está relacionado ao casamento da personagem Pombinha com Costa, homem de futuro “(...) teriam cozinheiro e uma criada que lavasse e engomasse.” (AZEVEDO, 2005, p. 127).

Pombinha, por meio de seu casamento, podia sonhar com a ascensão social e desfrutar de um futuro com menos privações para si e sua mãe, dona Isabel: “(...) Encaminhou-se para o portão, cercada pela bênção de toda aquela gente, cujas lágrimas rebentaram afinal, feliz cada um por vê-la feliz e em caminho da posição que lhe competia na sociedade” (AZEVEDO, 2005, p.132).

No romance os trabalhadores pobres são encarregados de terem disciplina em seus afazeres, ou seja, precisam acordar cedo, organizar os horários, suprimir a preguiça, entre outros aspectos que atrapalham o andamento do serviço exercido. Um exemplo fiel de personagem trabalhador é o português Jerônimo que, no início,

tinha disciplina, pois não se ausentava do emprego, levantava cedo e era vigilante. O trecho a seguir expõe como acontecem em parte as relações de trabalho, onde Jerônimo coordenava os trabalhos realizados pelos companheiros:

— Comigo aqui é que eles não fariam cera. Isso juro eu! Entendo que o empregado deve ser bem pago, ter para sua comida à farta, o seu gole de vinho, mas que deve fazer serviço que se veja, ou, então, rua! Rua, que não falta por aí quem queira ganhar dinheiro! Autorize-me a olhar por eles e verá! (AZEVEDO, 2005, p. 47).

O perfil de Jerônimo é descrito como alguém responsável e respeitoso, que tenta manter a disciplina para continuar empregado.

Jerônimo, porém, era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. Em poucos meses se apoderava do seu novo ofício e, de quebrador de pedra, passou logo a fazer paralelepípedos; e depois foi-se ajeitando com o prumo e com a esquadria e meteu-se a fazer lajedos; e finalmente, à força de dedicação pelo serviço, tornou-se tão bom como os melhores trabalhadores de pedreira e a ter salário igual ao deles. Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil réis (AZEVEDO, 2005, p. 50).

A população que convive com a pobreza e habita o cortiço é alvo contínuo de vigilâncias de atitudes coercitivas que visam à disciplina, que pode ser interrompida ou perdida, por exemplo, no episódio que retrata o romance de Rita Baiana e Jerônimo que tentam acabar com a lógica da disciplina no trabalho.

O abandono familiar causa a pobreza, pois ocorre uma transformação estrutural na vida dos indivíduos, sendo que a filha de Jerônimo é a que mais sofreu com as mudanças ou escolhas realizadas por seu pai que ficou desempregado, haja vista ter deixado de pagar as mensalidades do colégio e por ter se separado da esposa que vivia sempre triste. As duas necessitavam de ajuda de outras pessoas para sobreviverem.

A pobreza na obra *O Cortiço* é encontrada principalmente nos dos problemas sociais ocorridos no submundo, entre eles: espaço inadequado de moradia, violência, casos de prostituição, exploração do próprio homem, abuso sexual, subempregos, desempregos e ausência de estrutura familiar. Os indivíduos pobres ainda convivem com a discriminação do estigma de marginal, preguiçoso ou vagabundo, muitas vezes adquiridas pelo meio social habitado, por exemplo,

durante uma abordagem policial pode ocorrer deles invadirem o local simplesmente sem a permissão legal. Aluísio demonstra um episódio de briga entre moradores da habitação de João Romão, no qual a polícia é chamada e só a presença desses profissionais causa medo aos moradores.

Não entra a polícia! Não deixa entrar! Agüenta! Agüenta!

— Não entra! Não entra! Repetiu a multidão em coro.

E todo o cortiço ferveu que nem panela ao fogo.

(...) Não entra! Não entra!

E berros atroadores respondiam às pranchadas, que lá fora repetiam ferozes.

A polícia era o grande temor daquela gente, por que, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estrupício: à capa de evitar e punir o jogo, a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho (AZEVEDO, 1995, p. 113).

O medo dos moradores era explicado pelo fato contínuo de serem marginalizados ou traumatizados pelas atitudes dos policiais que não tinham respeito com quem convivia com a pobreza, pois quando eles apareciam não realizavam a segurança do local. Ao invés disso, puniam a população, sempre mantida por suspeitas de ter realizado algum ato ilegal.

Raramente os moradores chamavam a polícia para resolverem seus problemas, preferindo agir sem ajuda das autoridades. Para tanto, utilizavam-se da chamada “justiça popular”, em que a população tenta resolver os problemas que os atingem. Na obra, há uma cena em que isso acontece, foi quando Florinda apareceu grávida de Domingos e ele não quis assumir a responsabilidade. Marciana, mãe de Florinda, com raiva do que tinha ocorrido, juntou-se com outras mulheres do cortiço para cobrarem o matrimônio dele com a filha, pois nesse caso ela precisava ser honrada, sendo este um capital simbólico para a família e não relacionado a nenhuma questão econômica.

Entretanto, Marciana sem largar a filha, invadira a casa de João Romão e perseguia Domingos que preparava já sua trouxa.

— Então? Perguntou-lhe. Que tenciona fazer? Ele não deu resposta.

— Vamos, vamos, fale! Desembuche!

— Ora lixe-se! Resmungou o caixeiro; agora muito vermelho de cólera.

— Lixe-se, não! ...Mais devagar com o andor! Você há de casar: ela é menor! Domingos soltou uma palavrada, que enfureceu a velha.

— Ah, sim? Bradou esta. Pois veremos! (AZEVEDO, 2005, p. 91).

Tomazi (1993) discorre sobre a estratificação econômica, a qual está relacionada aos bens materiais que as pessoas possuem, determinando assim as pessoas pobres e as ricas. No romance, a personagem Bertoleza e a maioria dos residentes do cortiço podem ser considerados pobres, pois os mesmos não possuem bens. O autor afirma também que a estratificação política está vinculada ao poder, à dominação e à subordinação, estabelecendo profissões favorecidas e desfavorecidas. Nesse cenário, os melhores empregos estão voltados a uma parte da população, a mais favorecida ou que possui bens, e os ofícios desfavorecidos são direcionados aos menos favorecidos, que não possuem dotes.

Os moradores temiam a polícia porque esta, quando realizava alguma ação que envolvesse atos de tomada de locais como o cortiço, sempre se valia disso para invasão dos quartos dos moradores, quebrando suas coisas, com muita ignorância, como se todos que residissem ali fossem bandidos.

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho (AZEVEDO, 2005, p.113).

É presente no romance a ausência de amparo no cotidiano da vida dos moradores do cortiço: o medo da fome, do desemprego, da violência e até mesmo do outro. Com relação a essa realidade presente na obra, Santos (2014) explica que a solidariedade é o resultado da pobreza, gerando a inexistência de amparo e, conseqüentemente os medos, relacionados à fome, à violência e ao outro. Para exemplificar seu pensamento, basta a lembrança de quando o povo do cortiço se uniu em espírito de coletividade depois da invasão da polícia ao seu espaço, após uma confusão causada pelos próprios moradores, para impedir a ação policial de tentar controlar a desordem. Nela, enquanto os homens protegiam a entrada do capinzal e o portão da frente, as mulheres pegavam tudo o que podiam para formar uma barricada.

E, enquanto os homens guardavam a entrada do capinzal e sustentavam de costas o portão da frente, as mulheres, em desordem, rolavam as tinas, arrancavam jiraus, arrastavam carroças, restos de colchões e sacos de cal, formando às pressas uma barricada (AZEVEDO, 2005, p. 113).

Contudo, a representação de pobreza não se restringe apenas à construção dessa realidade, mas também, por oposição a ela, pelo reforço de uma representação paralela de riqueza.

O personagem principal João Romão, utiliza-se de diversas manobras para alcançar a riqueza. Para tanto, explora indivíduos com menor condição financeira, por meio da mão de obra barata. O cortiço é o lugar ideal para a exploração e para o aumento do capital investido. Romão preocupa-se em mudar de *status social* devido à época do capitalismo e da produtividade em que está inserido, período esse que se encontra no contexto do século XIX.

Assim, as relações sociais são rompidas, pois os personagens Miranda e João Romão entram em conflito pela disputa acirrada em busca de riquezas. Romão tem inveja de Miranda por este possuir uma condição financeira melhor. Para tornar-se rico, o dono do cortiço trabalha mais que de costume, tentando, dessa forma, ficar mais rico. O seguinte fragmento da obra expressa o quanto João Romão aumentou a quantidade de horas trabalhadas, a fim de alcançar as metas traçadas:

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco (AZEVEDO, 2005, p. 13).

A riqueza na obra *O Cortiço* pode ser representada também por meio do perfil familiar e suas relações com a sociedade, a exemplo da família burguesa composta por Miranda, a esposa Estela, a filha Zulmira, o filho de um colega fazendeiro e o velho que convivia com a família, mas não era parente e, sim um agregado. Há na relação de Miranda com a esposa o casamento por conveniência, ou seja, mantido devido ao dote que a mulher tinha e para evitarem-se também comentários acerca da traição dela em que Azevedo (2005, p. 15) mostra o seguinte personagem:

(...) Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ele trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a idéia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de ser haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.

Uma posição de prestígio na sociedade não acarreta lucros, porém faz parte de um conjunto de normas e de estratégias que definem a diferença de uma classe a outra. É por esse motivo aqui exposto que Miranda mantinha seu casamento. Ele queria permanecer com condição de burguês, em que por meio dos bens materiais que possuía se diferenciava dos personagens que estavam na pobreza. Esses não sabiam se expressar, eram ausentes de comportamentos refinados e tinham pouca instrução.

Existe uma transformação na época ocasionada pela influência da burguesia e da presença crescente do capitalismo na vida do indivíduo e da sociedade em geral.

O zunzum chegava ao seu apogeu. A fábrica de massas italianas, ali mesmo da vizinhança, começou a trabalhar, engrossando o barulho com o seu arfar monótono de máquina a vapor. As corridas até a venda reproduziam-se, transformando-se num verminar constante de formigueiro assanhado. Agora, no lugar das bicas apinhavam-se latas de todos os feitios, sobressaindo as de querosene com um braço de madeira em cima; sentia-se o trapejar da água caindo da folha (AZEVEDO, 2005, p. 33).

João Romão vivia em condições desfavoráveis e de precariedade. No entanto, com o passar dos tempos, resolvera sair do cenário de pobreza, condição que provocou nele aversão. Ele passou a almejar ascensão social e inserção na burguesia. E fazer parte de outra classe social exige mudança de hábitos, de valores e de pensamentos, pois viver da maneira que o trecho abaixo expõe, ele não aguentava mais. Na obra, o determinismo é presente em todo o contexto. Um exemplo disso é o pensamento de que Bertoleza cheirava mal por ser negra e pobre, visão comum da época, pois a sujeira era assimilada à pobreza e ao negro. Já o branco era tido como a raça superior, o limpo e, na maioria das vezes, o indivíduo com maior chance de conquistar uma vida melhor ou a própria riqueza.

À noite, quando se estirou na cama, ao lado de Bertoleza, para dormir, não pôde conciliar o sono. Por toda a miséria daquele quarto sórdido; pelas paredes imundas, pelo chão enlameado de poeira e sebo, nos tetos funebriamente velados pelas teias de aranha, estrelavam pontos luminosos em grã-cruzes, em hábitos e veneras de toda ordem e espécie. E em volta de seu espírito, pela primeira vez alucinado, um turbilhão de grandezas, que ele mal conhecia e mal podia imaginar (...) ondas de seda, veludo e pérolas (...) (AZEVEDO, 2005, p. 102).

Quando João Romão estava cada vez mais perto de se inserir em outra posição social, logo fica embaraçado com os moradores do cortiço que não sabiam organizar o lugar em que residiam. Caso não houvesse mudanças nos hábitos dos moradores, o estabelecimento não se apresentaria com boa reputação e causaria um prejuízo financeiro, pois o lugar passaria a ser desvalorizado em uma possível venda no futuro, por causa da falta de higiene dos indivíduos que estavam no cortiço.

— Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! Tomara que a febre amarela os lamba a todos! Maldita raça de carcamanos! Não de trazer-me isto asseado ou vai tudo para o olho da rua! Aqui mando eu! (AZEVEDO, 2005, p. 106).

Na obra, fica claro que a maioria dos residentes não tem condições para muito consumo, estando restrita às necessidades básicas, não sendo possível ser chamada de cidadãos. Em oposição, observa-se que, com a ascensão, Romão passa a fazer parte da classe média, tendo a possibilidade de ser cidadão. Mas seu interesse é apenas nos privilégios. Em relação a isso, Santos (2014) afirma que há diferença entre a oposição existente em ser consumidor e em ser cidadão, pois aos menos favorecidos não lhes é dado esse direito, e a classe média tendo, abre mão, dedicando-se apenas às regalias.

O desenvolvimento da vida de Romão, que se utilizou de vários meios ilícitos e desonrosos para adquirir riquezas e construir o cortiço, algo observado até quando o cortiço passava por uma tragédia que foi o incêndio que causou a morte da Bruxa, uma filha pequena de Augusta Carne-Mole e do velho Libólio, este último tendo suas economias furtadas por João Romão em meio ao drama que se alastrava.

(...) O vendeiro, lançava para baixo olhares de desprezo sobre aquela gentalha sensual, que o enriquecera, e que continuava a mourejar estupidamente, de sol a sol, sem outro ideal senão comer, dormir e procriar. (AZEVEDO, 2005, p.146).

Santos (2014, p.20) relata sobre o sistema de perversidade ser próprio de nosso tempo e do fato de se apresentar com mais força em países como o nosso, onde o exercício da política se descaracterizou, em tempos de globalização.

O tratante fugiu de carreira, abraçado à sua presa, enquanto o velho, sem conseguir pôr-se de pé, rastreava na pista dele, dificultosamente, estrangulado de desespero senil, já sem fala, rosnando uns vagidos de

morte, os olhos turvos, todo ele roxo, os dedos enricados como as unhas de abutre ferido (AZEVEDO, 2005, p. 170).

Na obra, a figura de João Romão mostra que o seu pensamento era sempre voltado para aquisição, esta não importando a que custo e nem o meio pelo qual era adquirida. Mesmo pela exploração, pelo engano, sempre haveria pessoas para poder enganar, explorar e, se alguém percebesse essas atitudes, para ele, se houvesse roubo em seu ato, escondia a sua culpa na ação do governo. Este é que era ladrão, exemplificando a afirmativa de Schwartzman (2007), que define as causas da pobreza como coletivas e, principalmente, estruturais, por serem geradas pela exploração da força de trabalho, pela utilização do capital e pela alienação dos indivíduos.

-Seria um ato de justiça! -concluiu João Romão; pelo menos seria impedir que todo este pobre dinheiro apodrecesse tão barbaramente!
 (...) E depois, que diabo! os outros assim mesmo haviam de ir com jeito... Hoje impingiam-se dois mil-réis, amanhã cinco. Não nas compras, mas nos trocos...
 Porque não? Alguém reclamaria, mas muitos engoliriam a bucha... Para isso não faltavam estrangeiros e caipiras!... E demais, não era crime!... Sim! Se havia nisso ladroeira, queixassem-se do governo! o governo é que era o ladrão (AZEVEDO, 2005, p. 173).

Ao final da história, o cortiço cresce significativamente e está composto de 95 casas no total, portanto, houve ótimo progresso nesse lugar, mudando a vida dos indivíduos que ali residiam. O cortiço passa por transformações estruturais na venda que muda para avenida, da taverna para venda e, de forma progressiva, chegou a constituir um sobrado. Por fim, chama-se Avenida São Romão.

(...) João Romão conseguira meter o sobrado do vizinho no chinelo; o seu era mais alto e mais nobre, e então com as cortinas e com a mobília nova impunha respeito. Foi abaixo aquele grosso e velho muro da frente com seu largo portão de cocheira, e a entrada da estalagem era agora dez braços mais para dentro, tendo entre ela e a rua um pequeno jardim com bancos e um modesto repuxo ao meio, de cimento, imitando pedra.
 (...) e na tabuleta nova, muito maior que a primeira, em vez de 'Estalagem de São Romão' lia-se em letras caprichosas "AVENIDA SÃO ROMÃO" (AZEVEDO, 2005, p. 186-187).

É notável que a relação de Romão e Bertoleza com o tempo começou a ser tida como algo embaraçoso e até obstáculo para o crescimento pretendido. Essa associação não era mais necessária, pois servia como entrave para o desenvolvimento e a busca de novos voos e novas ações, pois não havia mais cumplicidade e, portanto, solidariedade.

“... – É minha escrava – afirmou o outro. – Quer entregar-ma?...
– Mas imediatamente.

Reconhecendo logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre; adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo (AZEVEDO, 2005, p. 209-210).

A investida de Romão para se livrar de Bertoleza e realizar seu sonho de se casar com uma mulher de nobreza teve como consequência à morte da amante, que ao reconhecer o quanto havia sido enganada, se suicida. As atitudes do caixeiro, do início ao final da história são sempre voltadas para os próprios interesses. As práticas dele refletem a desigualdade interpessoal, em que o outro não tem valor, importando apenas o quanto são úteis para o interesse pessoal. As desigualdades sociais norteiam a vida dos moradores do cortiço, em toda a obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa era investigar a representação da desigualdade social na obra *O Cortiço*, sob o olhar de Aluísio de Azevedo, a fim de responder à questão: Como a pobreza é representada na obra *O Cortiço*?

Como já foi descrito anteriormente, na obra *O Cortiço*, há a presença da pobreza relacionada às condições materiais, demonstradas por meio da escassez de recursos, estando nítida a questão dos moradores terem pouco, viverem em condições precárias. Há também questão da zoomorfização, vista no tratamento dos residentes, pois são comparados a animais em toda a obra, seja por meio de atitudes ou de pensamentos animalizados.

A questão da homossexualidade também é, de certa forma, relacionada à pobreza, exemplificadas por meio dos personagens Léone e Albino, vistos como se tivessem um comportamento anormal. Essa anomalia pode ser entendida como uma pobreza humana, pois os desrespeitos às individualidades são reais na obra e na época.

A questão racial é algo marcante no romance e em meados do século XIX, pois o negro interiorizou a ideia de o branco ser uma raça superior à sua, como foi observado no comportamento de Bertoleza que julgava o português Romão, superior a si, pelo fato do mesmo ser branco e servindo-o, sendo escrava do vendeiro e feliz.

Em toda a obra, o estrangeiro é valorizado e o brasileiro desvalorizado. No decorrer da narrativa, o estrangeiro é o indivíduo que possui o dote, os bens e o brasileiro em situação oposta, é colocado como o explorado, o escravo e o ser humano que não possui bens. A visão determinista observada no romance, expõe que muito da pobreza apresentada na obra se intensifica por contraste, quando as situações relacionadas às riquezas são valorizadas.

Este trabalho acadêmico não se esgota em si, pois é possível adentrar em uma futura pesquisa mais aprofundada acerca de outros temas da obra e a construção de sua estrutura.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília *et al.* **Novas Palavras**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

ARAÚJO, Felipe. **Materialismo**. Disponível em: <www.infoescola.com/filosofia/materialismo>. Acesso em: 4 dez. de 2014.

ARAÚJO, Felipe. **Determinismo**. Disponível em: <www.infoescola.com/filosofia/determinismo>. Acesso em: 4 dez. de 2014.

AZEVEDO, Alúcio de. **O Cortiço**. São Paulo: Editora Escala, 2005.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAMARGO, Orson. **Desigualdade social**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/classes-sociais.htm>>. Acesso em: 25 set. de 2014.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**, 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999

CARQUEJA, Hernâni O. **O conceito de riqueza na análise econômica - apontamentos**. Disponível em: <www.infocontab.com.pt/download/revInfocontab/2006/02/GRUDIS.pdf>. Acesso em: 02 out. de 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Editora Global, 1997.

DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania**. Campinas: Papirus, 1994.

DEMO, Pedro. **Combate à pobreza**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FERREIRA, Heli Santa Cecília de Almeida; OLIVEIRA, Elibia Fernanda de. **Desigualdade Social**. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/desigualdade-social/58631/>. Acesso em: 25 set. de 2014.

FERNANDES, Tânia Maria. **Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010104-59702003000500002>. Acesso em: 05 nov. de 2014.

GOMES, Cristina. **Naturalismo**. Disponível em: <www.info.escola.com/literatura/naturalismo>. Acesso em: 2 out. 2014.

JESUS, Carolina Maria de Jesus. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 1998.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Leitura e escrita femininas no século XIX**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332012000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 nov. 2014.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. **Sigmund Freud e as intersecções entre psicanálise e cultura**. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952006000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 de nov. de 2014.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Desigualdade Social**. Disponível em: <www.alunosonline.com.br/sociologia/desigualde-social.html>. Acesso em: 25 set. de 2014.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Record, 2006.

SANTANA, Ana Lucia. **Riqueza**. Disponível em: <www.infoescola.com/economia/riqueza/>. Acesso em: 2 out. de 2014.

SANTANA, Edeilda Maria de Jesus. **A pobreza no Brasil na década de 2000: Políticas e resultados.** Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bistream/ri/9233/1/Monografia-EdeildaSantana>>. Acesso em: 30 out. de 2014.

SANTOS, Milton. **Momento Nacional.** Disponível em: <www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/Asformasda-pobrezaedividassocia>. Acesso em: 2 out. de 2014.

SCHWARTZMAN, Simon. **As Causas da Pobreza.** 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SEN, Amartya Kumar. **Desigualdade reexaminada.** 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Felipe Antônio Ferreira. **Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo.** Disponível em: <www.fals.com.br/revela8/Artigo5_ed08.pdf>. Acesso em: 09 de out. de 2014.

SOUZA, Elaine Brito. **Naturalismo.** Disponível em: <educacao.globo.com/literatura/assuntos/movimentos-literarios/naturalismo.html>. Acesso em: 02 de out. de 2014.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Iniciação a Sociologia.** São Paulo: Atual, 1993.

WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A.S. P; OLIVEIRA; D.C. (Orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998. P. 3-20.